

FOME DE FOGO

Trilogia
AS FACES DE VICTORIA BERGMAN

SEGUNDA PARTE

FOME DE FOGO

ERIK AXL SUND

Tradução de
AGNETA ÖHRSTRÖM B.
com a colaboração de Rita Chuva



BERTRAND EDITORA
Lisboa 2014

Em memória de nós, que traímos!

«Muitas vezes, ela fica imóvel com o olhar fixo e depois os seus belos olhos alteram-se. Ficam com um brilho indecifrável e enigmático. A sua íris enche-se de um fogo triste, um fogo oriundo da fome em busca de alimento para a luz da alma, para que essa luz não se apague. Ela provavelmente gostaria que aceitássemos o convite da morte, que fizéssemos um jantar de despedida e que depois desaparecêssemos.»

— HARRY MARTINSON, *Aniara*

Queda livre

O pesadelo chega a Estocolmo vestido com um casaco azul-cobalto ligeiramente mais escuro do que o céu por cima da ilha de Djurgården e a baía de Ladugårdslandet. Tem os cabelos louros, os olhos azuis, traz uma pequena mala pendurada no ombro. Os sapatos são apertados e vermelhos e magoam-lhe os calcanhares, mas ela está habituada e estas feridas já fazem parte da sua personalidade. A dor acorda-a.

Ela sabe que, se conseguir perdoar, tanto ela própria como os que obtiverem o seu perdão serão libertados. Durante vários anos, tentou esquecer, mas nunca conseguiu.

Ela própria não o vê, mas a sua necessidade de vingança é como uma reação em cadeia.

Uma bola de neve que foi posta em movimento, já faz muito tempo, num barracão de ferramentas pertencente ao internato de Sigtuna. Ela foi apanhada por este movimento que a levou consigo numa trajetória em direção ao inevitável.

Podemos fazer-nos a pergunta: aqueles que criaram esta bola de neve entre as suas mãos e a puseram em movimento saberão alguma coisa sobre a continuação da sua trajetória? Possivelmente, não. Eles terão continuado as suas vidas como se nada fosse. Esqueceram-se da brincadeira, como se fosse só uma coisa inocente e sem importância que se iniciou e que acabou ali, naquele barracão.

Mas ela ficou presa naquele movimento. Para ela, o tempo não passou, não teve nenhum efeito curativo.

O ódio não se dissipa, pelo contrário, vai ficando cada vez mais duro, como cristais de gelo que rodeiam todo o seu ser.

A noite está fresca e o ar cheio de humidade, que os muitos aguaceiros, caídos durante toda a tarde e o princípio da noite, criaram. Ouvem-se gritos vindos da montanha-russa, ela levanta-se, limpa o casaco e olha à sua volta. Fica parada por um momento, inspira profundamente e, de repente, recorda-se porque está ali.

Ela tem uma tarefa e sabe o que tem de fazer.

Do alto do miradouro, ela observa o tumulto a uma certa distância. Dois seguranças levam um homem e, ao lado, corre uma menina que chora. Deve ser filha dele.

No chão, encontra-se uma mulher caída e, à volta dela, estão algumas pessoas agachadas. Alguém está a chamar os enfermeiros.

Os bocados de vidro partido lançam reflexos faiscantes do asfalto molhado.

Ela compreende que o momento de agir está a chegar, mesmo que não seja como tinha planeado. O acaso simplificou-lhe a vida. Aconteceu tão natural e facilmente que ninguém vai compreender o que sucedeu.

Ela vê o rapaz à distância, sozinho em frente dos portões de entrada da atração Queda Livre.

Conseguir perdoar algo que é perdoável não é verdadeiramente um ato de perdão, pensa. Um perdão genuíno é perdoar algo imperdoável. E só um deus é capaz disso.

O rapaz tem um ar confuso e ela começa a aproximar-se dele devagarinho, ao mesmo tempo em que ele se vira para o lado oposto, afastando-se dela.

Com este movimento, ele facilitou-lhe a aproximação, de tal maneira que quase lhe dá vontade de rir, e agora ela encontra-se a menos de um metro de distância dele. Ele vira-lhe as costas e parece estar à procura de alguém.

É impossível perdoar verdadeiramente, é uma loucura inconsciente, pensa. E como ela está à espera de que os culpados se mostrem arrependidos, nunca será possível. A memória é uma ferida que nunca vai sarar. Ela agarra o braço do rapaz com força.

Ele estremece e volta-se para ela, ao mesmo tempo que ela lhe espetava a seringa na parte superior do braço esquerdo.

Durante alguns segundos, ele olha-a com estranheza e, depois, as suas pernas dobram-se debaixo do seu peso. Ela ampara-o e senta-o, com cuidado, num banco que está ao lado deles.

Ninguém viu o seu ato.

Tudo está perfeitamente normal.

Assim que vê que a mulher que está deitada no chão começa a mexer-se, ela tira algo da sua mala e enfia-a cuidadosamente na cabeça do rapaz.

É uma máscara de plástico cor de rosa com a forma de focinho de porco.

Parque de Diversões de Gröna Lund

A detetive Jeanette Kihlberg sabe exatamente onde se encontrava quando tomou conhecimento de que o primeiro-ministro Olof Palme fora assassinado na rua Sveavägen, em Estocolmo.

Ela estava sentada num táxi, quase a chegar ao subúrbio de Farsta, e o homem ao seu lado fumava um cigarro mentolado. Uma chuva suave e o ligeiro enjoo de algumas cervejas a mais.

Ela viu o *penalty* de Thomas Ravelli durante o jogo contra a Roménia, nos campeonatos do mundo de 1994, num televisor a preto-e-branco. Estava sentada num bar na praça Kornhalmstorg e o *barman* pagou-lhe uma cerveja.

Quando o *ferry* Estónia se afundou, estava na cama com gripe a ver *O Padrinho*.

Outras das suas memórias nítidas incluem o concerto dos Clash, no estádio de Hovet, um beijo peganhento de *gloss* durante uma festa no colégio, no terceiro ano, e a primeira vez que abriu a porta da vivenda no subúrbio de Gamla Enskede e começou a chamar-lhe casa.

Mas nunca se vai lembrar do momento em que Johan desapareceu.

Será uma mancha negra para sempre. Dez minutos perdidos. Um bêbado de Gröna Lund roubou-lhos. Um canalizador da cidade de Flen, que bebeu demais durante uma visita pontual à capital.

Dá um passo para o lado, olhando para cima. Johan e Sofia estão na gôndola que sobe e ela fica com vertigens, apesar de ser ela quem está com os pés firmemente no chão. Uma forma invertida de vertigem. De baixo para cima, em vez de ser ao contrário. A torre tem um ar tão frágil, os assentos são de uma construção tão simples. Se alguma coisa corre mal, será, com certeza, catastrófico.

De repente, ouve-se o som de vidro a partir-se.

Gritos excitados.

Alguém está a chorar e Jeanette vê a gôndola continuar a subir. Um homem vem a correr, quase embate nela, que se afasta, Johan ri-se de alguma coisa.

Estão quase no topo.

— Vou matar-te, seu...

Alguém lhe dá um empurrão nas costas. Jeanette vê que o homem perdeu o controlo do seu corpo. O álcool fez com que as suas pernas ficassem compridas demais, que as suas articulações perdessem a elasticidade e que o seu sistema nervoso, anestesiado, reagisse muito lentamente.

O homem tropeça e cai pesadamente no chão.

Jeanette olha de través para cima. As pernas de Johan e de Sofia vistas de baixo. A balouçarem.

A gôndola está parada.

O homem levanta-se e a sua cara está arranhada pelo cascalho e o asfalto.

Há crianças a chorar.

— Pai! — Uma menina, que nem seis anos deve ter, com um pau de algodão-doce cor de rosa na mão. — Quero ir para casa. Quero ir-me embora.

O homem não responde, fica a olhar à sua volta, à procura do seu adversário, à procura de alguém em quem descarregar a sua agressividade.

O reflexo inerente à sua profissão de polícia faz com que Jeanette aja sem hesitar. Agarra o homem pelo braço.

— Veja lá — diz com cuidado. — Tenha calma.

A sua intenção é distraí-lo. Não acusá-lo.

O homem vira-se para ela e Jeanette vê que os seus olhos estão mortiços e injetados de sangue. Tristes e desapontados, quase envergonhados.

— Pai... — repete a menina, mas o homem não reage, o seu olhar está vazio, ausente. — E quem és tu, sua...? — Tenta soltar-se do amplexo de Jeanette. — Vai à merda!

O seu hálito é acre e os seus lábios estão cobertos por uma película fina e branca.

— Só queria...

Nesse mesmo momento, ouve a gôndola a ser solta e os gritos excitados, uma mistura de alegria e de medo, o que faz com que ela perca o fio à meada e a concentração.

Vê Johan com os cabelos em pé e a boca aberta num grito.

Vê Sofia.

Ouve a menina.

— Não, pai! Não!

Mas não vê o homem ao seu lado levantar o braço.

A garrafa acerta-lhe na têmpora e fica tudo escuro.

Museu Prins Eugens Waldemarsudde

Jeanette Kihlberg, da mesma forma que as pessoas que durante toda a sua vida se viram privadas da felicidade, mas, mesmo assim, conseguiram agarrar-se à esperança, tem uma posição muito negativa em relação a todas as opiniões tingidas pelo mínimo traço de pessimismo.

É por essa razão que nunca se rende e também é por isso que reage como reage quando o agente da polícia Schwartz se queixa, de uma forma provocadoramente clara, do mau tempo, cansaço e falta de progresso na busca de Johan.

Jeanette Kihlberg fica fora de si.

— Mas que merda é esta? Vai para casa, então, aqui não estás a fazer falta!

Toma, pensa. Schwartz recua, como um cão amedrontado, e Åhlund fica quieto, ao lado. A fúria faz com que a ferida na sua cabeça comece a latejar fortemente por baixo do penso.

Jeanette acalma-se um pouco, suspira e faz um gesto com o braço em direção a Schwartz, como para amenizar o que foi dito.

— Estás a perceber? Até novas ordens, estás fora do caso.

— Anda... — Åhlund pega no braço de Schwartz e começam a afastar-se. Depois de algumas passadas, vira-se para Jeanette e tenta uma expressão positiva. — Vamo-nos juntar aos outros, no lugar de Beckholmen, onde podemos ser mais úteis.

— Tu, sim, mas não os dois. Schwartz vai para casa. Entendido?

Åhlund acena com a cabeça e, em poucos instantes, Jeanette fica sozinha.

Enregelada e com grandes olheiras, fica ali, na parte de trás do museu em que foi transformado o galeão Vasa. Está à espera de Jens

Hurtig, que, assim que soube do desaparecimento de Johan, interrompeu as suas férias para poder participar nas buscas.

Depois de um momento de espera, vê o piquete da polícia, que se aproxima, lentamente, através do parque, e sabe que é Hurtig e que traz mais alguém. Uma testemunha que diz ter visto um rapaz jovem, sozinho, sentado perto da água, bastante tarde, na noite anterior. Ela consegue perceber, pelo que ouvira Hurtig transmitir através do rádio, que não deve nutrir demasiada esperança neste testemunho. Mas, mesmo assim, ela convence-se, com ou sem razão, que tem de ter esperança.

Tenta concentrar-se e reconstituir os acontecimentos das últimas horas.

Johan e Sofia desapareceram de repente, simplesmente tinham sumido. Depois de meia hora, agira conforme as regras e mandara chamar Johan através do sistema de altifalantes do parque de diversões e ficara ansiosamente alerta no balcão de informações. Sempre que surgia um pormenor qualquer, insignificante que fosse e que lhe lembrava Johan, ela lançava-se para a frente, mas teve sempre de voltar para o balcão, de cabeça baixa.

Quando chegaram dois seguranças, pouco antes de o corpo de Jeanette ser destroçado pelas últimas contrações de esperança, seguiram-se e continuara a sua busca alucinada pelo largo do parque de diversões. Aí, encontraram Sofia caída na gravilha, rodeada por uma multidão que Jeanette tivera de empurrar, antes de conseguir encontrar os olhos de Sofia.

Este rosto, que momentos antes fora sinónimo de redenção, tornou-se, de repente, num outro que só sublinhava a inquietação e a incerteza. Sofia estava noutra dimensão. Jeanette duvidava da sua capacidade de a reconhecer, sequer. Ainda menos seria capaz de dizer onde estava Johan.

Jeanette não ficara junto dela, tinha a obrigação de continuar a sua busca.

Mais meia hora passou antes de ela resolver contactar os colegas na polícia. Mas nem ela nem os outros vinte polícias que procuraram na água à volta do parque de diversões e, depois, a pé, no terreno da ilha de Djurgården conseguiram encontrar Johan. Os piquetes que

patrulharam o centro da cidade ficaram com a sua descrição, mas não deu em nada.

Mandaram as informações para a rádio local. Há quarenta e cinco minutos, sem resultados até agora.

Jeanette sabe que agiu corretamente, mas que agiu como um robô. Um robô paralisado por emoções.

Uma dupla negação. Dura, fria e racional por fora, mas guiada por impulsos caóticos.

A fúria, a irritação, o medo, a angústia, a confusão e a resignação que sentira durante a noite fundem-se numa amálgama difusa.

A única emoção consistente é o de ela não se sentir suficiente. E não apenas em relação a Johan.

Jeanette pensa em Sofia.

Em que estado se encontrará?

Jeanette ligou-lhe várias vezes sem resultado. Se Sofia soubesse de alguma coisa sobre Johan, o natural seria contactá-la. Ou saberá de alguma coisa e precisa de recuperar forças para conseguir contar?

Deixa-te disso agora, pensa, e afasta os pensamentos do impensável. Tens de te focar.

O carro para e Hurtig sai.

— Porra — diz. — Isso não está bonito. — Aponta para a cabeça ligada de Jeanette.

Ela sabe que parece pior do que é. A ferida causada pelo golpe com a garrafa levou pontos, no local da ocorrência, e a ligadura, tal como o seu blusão e *t-shirt*, está cheia de sangue.

— Tem calma — diz ela. — E não era preciso cancelares a tua viagem a Kvikkjokk por minha causa.

Ele encolhe os ombros.

— Deixa-te de fitas. E que diabo pensas que eu iria fazer lá em cima, no Norte? Bonecos de neve?

Pela primeira vez em doze horas, Jeanette consegue sorrir.

— Até onde chegaste?

— À estação de Långsele. Foi só sair da estação e apanhar um autocarro, direção sul.

Um abraço rápido, não é preciso mais, porque ela sabe que o amigo percebe como está feliz por ele estar ali.

Ela abre a porta do lado do passageiro e ajuda a velha senhora a sair. Hurtig mostra uma fotografia de Johan à mulher e Jeanette percebe que o testemunho dela é fraco. Nem consegue indicar a cor da roupa de Johan.

— Foi ali que o viu? — Jeanette aponta a praia cheia de pedregulhos, onde se encontra ancorado o barco farol Finngrund.

A velha assente com a cabeça e, tiritando de frio, diz:

— Ele estava deitado entre os pedregulhos e eu sacudi-o para o fazer arrebitar. Que coisa, disse-lhe. Tão jovem e já bêbado...!

— Sim, sim — diz Jeanette, impaciente. — Ele disse alguma coisa?

— Não, só murmurava. Se disse alguma coisa, eu não ouvi.

Hurtig saca da fotografia de Johan e mostra-a novamente à mulher.

— E não tem a certeza se foi este o rapaz que viu?

— Hum, como disse, a cor dos cabelos é igual, mas a cara... É difícil dizer. Estava bêbado, não é?

Jeanette suspira e dirige-se para o caminho de gravilha que segue a orla da praia de calhaus. Bêbado?, pensa. Johan? Não faz sentido.

Olha a ilha de Skeppsholmen, em frente, escondida numa neblina grisalha, doentia.

Esta porra de frio, pensa. Como é possível?

Aproxima-se da água e pisa as rochas.

— Era aqui que estava? Tem a certeza?

— Sim — diz a mulher, firmemente. — Mais ou menos aqui.

Mais ou menos?, pensa Jeanette, dececionada, enquanto observa a velha senhora a limpar as lentes grossas dos seus óculos na manga do casaco.

Dá-se conta de que está a ficar desesperada. A única coisa que têm é uma velha meio cega, e, mesmo que Jeanette queira muito o contrário, esta é verdadeiramente uma testemunha muito pouco credível.

Põe-se de cócoras e tenta descobrir no chão algo que confirme que Johan esteve ali. Uma peça de roupa, a carteira, as chaves de casa. Qualquer coisa.

Mas só vê pedras lisas, polidas pelas ondas e pela chuva.

Hurtig vira-se para a mulher.

— E depois, foi-se embora? Na direção da encosta Junibacken?

— Não... — A mulher tira um lenço do bolso do casaco e assoa-se estrondosamente. — Foi a cambalear. Estava tão bêbado que nem se segurava em pé...

Jeanette fica irritada.

— Mas foi naquela direção? Para Junibacken?

A mulher acena afirmativamente e limpa de novo o nariz.

Ao mesmo tempo, passa uma ambulância na estrada de Djurgårdsvägen, em direção ao interior da ilha, a julgar pelo som da sirene.

— Outra vez falso alarme? — questiona Hurtig, e olha para Jeanette com um ar grave. Ela abana a cabeça, desencorajada.

É a terceira vez que ouve as sirenes de emergência e nenhuma das vezes fora por causa de Johan.

— Vou ligar a Mikkelsen — diz Jeanette.

— Para a Brigada Criminal? — Hurtig parece surpreso.

— Sim. A meu ver, ele é o mais indicado para este género de coisas. — Ela levanta-se e a passos largos transpõe as pedras até atingir o passeio.

— Crimes contra crianças, queres dizer? — Hurtig parece arrependido das palavras que acaba de proferir. — Ou, antes... quero dizer, ainda não sabemos do que se trata.

— Talvez não, mas seria errado não trabalhar com base nessa hipótese. É Mikkelsen quem coordena as buscas nas ilhas de Beckholmen, Gröna Lund e Waldemarsudde.

Hurtig anui e olha para ela pesaroso.

Para, pensa Jeanette e desvia o olhar. Nada de compaixão de merda. Senão, vou-me mesmo abaixo.

— Vou ligar-lhe agora.

Quando Jeanette pega no telemóvel, vê que está sem bateria e, ao mesmo tempo, ouve o som com interferência do rádio da polícia no carro de Hurtig, que está a uns dez metros de distância.

Quando consegue perceber, sente um peso enorme no peito.

Como se todo o sangue do seu corpo estivesse a ser retirado e a querer levá-la consigo para dentro da terra.

Johan foi encontrado.

Hospital Karolinska

Inicialmente, o pessoal da ambulância acreditara que o rapaz estava morto. Fora encontrado ao lado do velho lagar de azeite na ilha de Waldemarsudde e tanto a sua respiração como a função cardíaca eram quase inexistentes.

Estava a entrar em hipotermia e notaram que tinha vomitado várias vezes durante aquela inusitadamente fria noite de fim de verão.

Temia-se, igualmente, que tivesse lesões pulmonares, causadas pelo ácido corrosivo vindo do estômago para os pulmões.

Eram quase dez horas quando Jeanette Kihlberg entrou na ambulância que levaria o seu filho para os cuidados intensivos do Hospital Karolinska, no subúrbio de Solna.

O quarto está às escuras, mas a luz do sol fraco da tarde atravessa as persianas e as estrias cor de laranja criam um desenho sobre o tronco nu de Johan. As pulsações de luz, vindas da máquina de respiração artificial, deslocam-se sobre a cama e Jeanette Kihlberg tem a sensação de se encontrar no meio de um sonho.

Acaricia a mão de Johan e olha para os aparelhos ao lado da cama.

A sua temperatura está a aproximar-se do normal, ligeiramente abaixo de trinta e seis graus.

Ela sabe que o seu corpo continha uma grande quantidade de álcool. Quase 3 g/l ao chegar ao hospital.

Ainda não pregou olho, sente o corpo como que anestesiado e não consegue determinar se o latejar do coração dentro de si é o mesmo que sente na ferida da testa. Pensamentos que não reconhece ecoam na sua cabeça e são frustrados, zangados, amedrontados, perdidos e desanimados, tudo ao mesmo tempo.

Fora sempre um ser humano racional. Até agora.

Observa-o ali deitado. É a primeira vez que está internado. Não, a segunda vez. A primeira vez foi há doze anos, quando nasceu. Naquela altura, estava completamente calma. Tão bem preparada que até previra a cesariana antes de os médicos terem tomado a decisão de a fazer.

Mas, para isto, não houve preparação.

Aperta a sua mão com mais força. Ainda está fria, mas ele tem um ar relaxado e respira calmamente. E o quarto está em silêncio. Só se ouve o ruído elétrico das máquinas.

— Querido... — sussurra, consciente do facto de que, mesmo inconsciente, ele consegue ouvir. — Eles pensam que vai tudo correr bem.

Interrompe a sua tentativa de instilar esperança em Johan.

Eles pensam? É mais verdadeiro dizer que eles não sabem.

Quando ela chegou, estava tudo num caos. Tinham posto Johan na cama do hospital, com a cabeça para baixo, enquanto aspiravam as suas vias respiratórias.

Aspirar. Isto podia significar lesões nos tecidos dos pulmões.

No pior dos casos.

As suas perguntas confusas, as respostas objetivas, mas vazias, dos médicos.

A sua fúria e frustração conduziram-na à mesma pergunta: mas por que raio não sabem nada?

Eles bem podiam falar da monitorização do ECG, do oxigénio, dos tubos do soro e explicar como uma sonda através do esófago consegue controlar a temperatura do corpo e de como um pulmão artificial controla o aquecimento central do corpo.

Eles bem podiam dizer o que acontece ao corpo no caso de um arrefecimento grave, em consequência de uma estadia prolongada em água fria, seguida por uma noite debaixo de chuva e ventos fortes.

Eles bem podiam explicar que o álcool abre os vasos sanguíneos e precipita a queda da temperatura e que o risco de lesões cerebrais acontece porque o teor de açúcar no sangue baixa.

Dizer e explicar.

Disseram que pensavam que o perigo, possivelmente, já passara e explicaram que a gasometria arterial e o raio X aos pulmões tinham bom aspeto.

O que quer isso dizer?

Gasometria? À primeira vista? Que o perigo, possivelmente, já passou?

Eles acreditam. Mas não sabem nada.

Se Johan estiver a ouvir, ouviu tudo o que foi dito neste quarto. Ela não lhe pode mentir. Acaricia-lhe o rosto. Isto, pelo menos, não é mentira.

Os seus pensamentos são interrompidos pela entrada de Hurtig no quarto.

— Como está ele?

— Está vivo e vai ficar bem. Está tudo bem, Jens. Podes ir para casa.

Subúrbio de Bandhagen

Os relâmpagos atingem a superfície da Terra cem vezes a cada segundo, o que significa cerca de oito milhões de vezes todos os dias. A trovoadas mais violenta do ano cobre a região de Estocolmo e, quando passam vinte e dois minutos das dez, os relâmpagos atingem dois lugares, simultaneamente. Um em Bandhagen, a sul da cidade, e o outro perto do Hospital Karolinska, em Solna.

O agente Jens Hurtig encontra-se no estacionamento do hospital, preparando-se para ir para casa, quando o telefone toca. Antes de responder, abre a porta do carro e senta-se atrás do volante. Vê que a chamada é do comissário Dennis Billing e supõe que este esteja a ligar para ser informado do que se está a passar.

Põe o auricular no ouvido e responde.

— Hurtig.

— Ouvi dizer que encontraram o rapaz de Jeanette. Como está ele? — Billing parece preocupado.

— Está em coma induzido e Jeanette está lá com ele. — Hurtig põe a chave na ignição e liga o motor. — Felizmente, não parece correr perigo de vida.

— Ótimo, ótimo. Então ela deve estar de volta dentro de dias, suponho. — O comissário aclara a voz. — E consigo, tudo bem?

— O que quer dizer?

— Está cansado ou ainda consegue ir ver um caso em Bandhagen?

— Do que se trata?

— Quero dizer que, agora que Kihlberg está indisponível, tem a possibilidade de mostrar o que vale. Pode ficar bem na sua folha, se é que me faça entender.

— Entendo perfeitamente. — Jens Hurtig faz a curva para entrar na estrada Norra Länken.

— Qual é o assunto?

— Encontraram uma mulher morta, possivelmente violada.

— OK. Estou a caminho.

— É assim mesmo. Tal como eu gosto. É um homem capaz, Jens. Até amanhã, então.

— OK.

— E... olhe... — O comissário Dennis Billing engole em seco. — Pode dizer a Janne Kihlberg que eu acho perfeitamente aceitável que ela fique algum tempo em casa a tratar do filho. Francamente, acho que ela devia tratar melhor da família. Ouvei dizer que Åke a deixou.

— O que quer dizer com isso? — Hurtig está a ficar seriamente incomodado com as insinuações do seu chefe. — Quer que eu lhe diga para ficar em casa porque você acha que as mulheres não deviam ter um emprego, mas sim ficar no aconchego do lar a tratar do marido e dos filhos?

— Porra, Jens, pare. Começava a acreditar que nós nos entendíamos e...

— Só por sermos homens — interrompe Hurtig —, não quer dizer que tenhamos as mesmas opiniões.

— Está bem. — O comissário suspira. — Estava a pensar que...

— OK. Tudo bem. Até amanhã. — Hurtig desliga antes de dar tempo a Dennis Billing de enunciar mais lugares-comuns ou simplesmente idiotices.

Ao aproximar-se da saída para Solna, lança um olhar à marina de Pampas e às filas de barcos.

Um barco, pensa. Vou comprar um barco.

Uma chuva violenta cai sobre o campo desportivo da escola secundária de Bandhagen e Jens Hurtig põe o capuz do seu casaco sobre a cabeça, ao mesmo tempo que fecha a porta do carro. Olha à sua volta, conhece bem o local.

Por várias vezes assistiu como espectador quando Jeanette Kihlberg participou nos jogos de futebol com as equipas mistas da polícia. Lembra-se de que achou que ela era realmente boa, sim, até melhor do